

COMPRIMIDO III

*O futebol brasileiro evocado na Europa*

A bola não é a inimiga  
como o touro, numa *corrida*;  
e embora seja um utensílio  
caseiro e que se usa sem risco,  
não é o utensílio impessoal,  
sempre manso, de gesto usual:  
é um utensílio semivivo.  
de reações próprias como bicho,  
e que, como bicho, é mister  
(mais bicho, como mulher)  
usar com malícia e atenção  
dando aos pés astúcias de mão.

COMPRIMIDO IV

*A mesa*

O jornal dobrado  
sobre a mesa simples;  
a toalha limpa,  
a louça branca

e fresca como o pão.

A laranja verde:  
tua paisagem sempre,  
teu ar livre, sol  
de tuas praias; clara

e fresca como o pão.

A faca que aparou  
teu lápis gasto;  
teu primeiro livro  
cuja capa é branca

e fresca como o pão.

E o verso nascido  
de tua manhã viva,  
de teu sonho extinto,  
ainda leve, quente

e fresco como o pão.

COMPRIMIDO V

*Elogio da usina e de Sofia de Mello Breiner  
Andresen*

O engenho banguê (o rolo compressor,  
mais o monjolo, a moela de galinha,  
e muitas moelas e moendas de poetas)  
vai unicamente numa direção: na ida.  
Ele faz quando na ida, ou ao desfazer  
em bagaço e caldo; ele faz o informe;  
faz-desfaz na direção de moer a cana,  
que aí deixa; e que de mel nos moldes  
madura só, faz-se: no cristal que sabe,  
o do mascavo, cego (de luz e corte).

2.

Sofia vai de ida e de volta (e a usina);  
ela desfaz-faz e refaz-faz mais acima,  
e usando apenas (sem turbinas, vácuos)  
Algarves de sol e mar por serpentinas.  
Sofia faz-refaz, e subindo ao cristal,  
em cristais (os dela, de luz marinha).

COMPRIMIDO VI

*A escola das facas*

O alíseo ao chegar ao Nordeste  
baixa em coqueirais, canaviais;  
causando as folhas laminadas,  
se afia em peixeiras, punhais.

Por isso, sobrevoa a Mata,  
suas mãos, antes fêmeas, redondas,  
ganham a fome e o dente da faca  
com que sobrevoa outras zonas.

O coqueiro e a cana lhe ensinam,  
sem pedra-mó, mas faca a faca,  
como voar o Agreste e o Sertão:  
mão cortante e desembainhada.

Nuvens porêm brancas de passaros  
acenderam a noite do poeta  
e nos olhos, vistos por fora, do poeta  
vão nascer duas flores secas.

Ora, na sala do poeta o relógio  
marcava horas que ninguém vivia.  
O telefone nem mulher nem sobrado,  
ao telefone o passaroto-trovão.

O telefone com asas e o poeta  
pensando que fosse o avião  
que levava a sua noite furiosa  
aquelas máquinas em fuga.

No telefone do poeta  
desceram vozes sem cabeça  
descer um susto o medo  
da morte de neve.

*O poeta*

Mas meus dez anos indiferentes  
rodaram mais uma vez  
nos mesmos intermináveis cartosséis.

Seriam hélices  
a viões locomotivas  
fimidamente precocidade  
balões-cativos si-bemol?

Sobre o lado impar da memória  
o anjo da guarda esqueceu  
perguntas que não se respondem.

*Infância*

COMPRIMIDO I

Dezembro 2016

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

**A BULA**<sup>®</sup>  
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO II



Nascido no Recife a 6 de janeiro de 1920, **João Cabral de Melo Neto** viria a falecer a 9 de outubro de 1999 no Rio de Janeiro. A partir de 1945, dedicou-se profissional-

mente à diplomacia, exercendo cargos em cidades como Barcelona ou Dacar. Em 1984, ocupou o lugar de cônsul geral no Porto. Regressou ao Rio de Janeiro em 1987, aposentando-se em 1990. Da sua obra poética, destacam-se obras como “Pedra do Sono” (1942), “*A escola das facas*” (1980) e, incontornavelmente, “*Morte e vida severina*” (1955), auto ao gosto tradicional protagonizado por um retirante, Severino, cuja caminhada representa o sofrimento e a miséria do povo do Nordeste. Em 1968, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras e recebeu, entre outros, o Prémio José de Anchieta, de poesia, em 1954.

## PEQUENA ODE MINERAL

Desordem na alma  
que se atropela  
sob esta carne  
que transparece.

Desordem na alma  
que de ti foge,  
vaga fumaça  
que se dispersa,

informe nuvem  
que de ti cresce  
e cuja face  
nem reconheces.

Tua alma foge  
como cabelos,  
unhas, humores,  
palavras ditas

que não se sabe  
onde se perdem  
e impregnam a terra  
com sua morte.

Tua alma escapa  
como este corpo  
solto no tempo  
que nada impede.

Procura a ordem  
que vês na pedra:  
nada se gasta  
mas permanece.

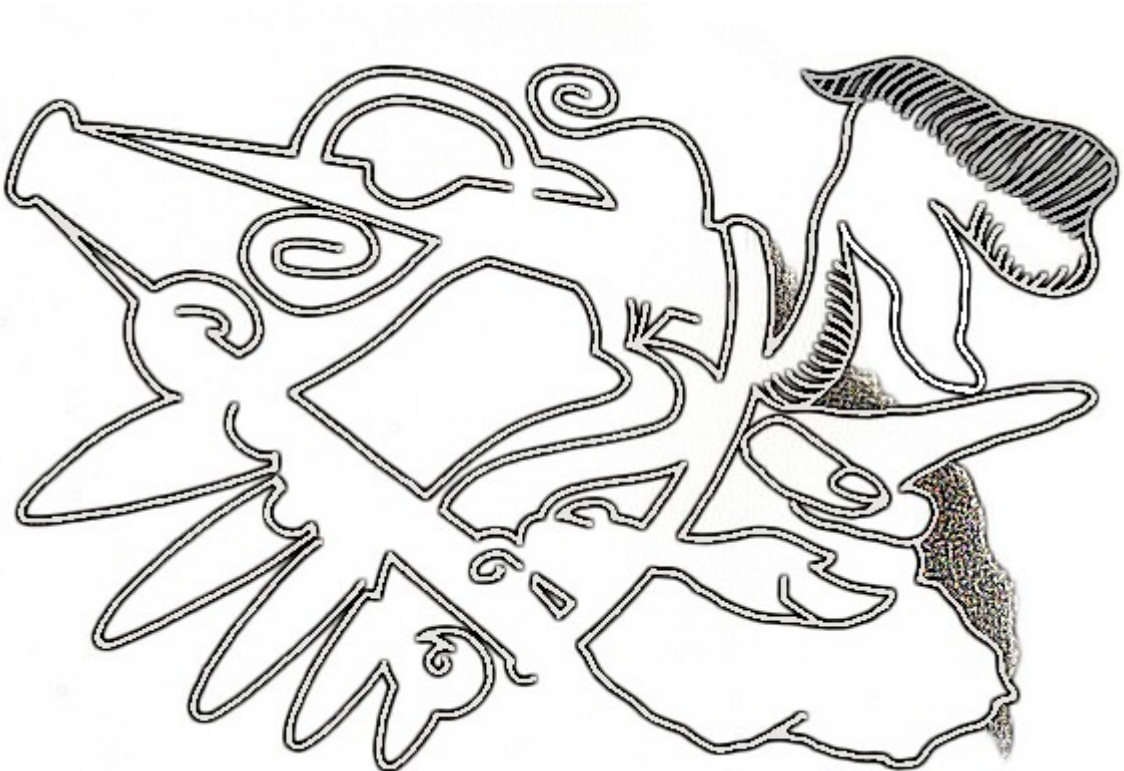
Essa presença  
que reconheces  
não se devora  
tudo em que cresce.

Nem mesmo cresce  
pois permanece  
fora do tempo  
que não a mede,

pesado sólido  
que ao fluido vence,  
que sempre ao fundo  
das coisas desce.

Procura a ordem  
desse silêncio  
que imóvel fala:  
silêncio puro.

de pura espécie,  
voz de silêncio,  
mais do que a ausência  
que as vozes ferem.



*Comprimidos Literários de João Cabral de Melo Neto (seleção de Francisco Saraiva Filho)*

*Ilustração de Dorian Ribas Marinho*

5

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: [www.correiodoportor.pt](http://www.correiodoportor.pt)

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 30 de novembro de 2016